

Violência obstétrica: o desrespeito às grávidas na maternidade

(Época, 07/08/2015) Maus-tratos e abusos são as queixas mais comuns nas mais de 300 histórias que ÉPOCA recebeu na campanha #partocomrespeito

Desde o lançamento da [campanha #partocomrespeito](#), em 1º de agosto, ÉPOCA recebeu mais de 300 histórias de mulheres que se sentiram desrespeitadas no parto. A cena mais comum nos relatos é a falta de cuidado no trato com a paciente, seja falta de amparo, brincadeiras em tons jocosos, discursos em tom de intimidação, ofensas verbais etc. A coordenadora do estudo Nascer no Brasil, Maria do Carmo Leal, diz que um quadro semelhante apareceu na pesquisa nacional. Confira a entrevista:



Juliane Veríssimo abraçou a campanha #partocomrespeito (Foto: arquivo pessoal)

ÉPOCA - Recebemos mais de 300 histórias com relatos muito parecidos: mulheres num momento de extrema fragilidade sendo maltratadas. Em quais situações ela está mais exposta?

Maria do Carmo Leal - Mulheres sem acompanhante têm mais chances de sofrer algum tipo de intimidação. Porque o acompanhante, seja o companheiro ou a mãe, digamos, funciona como uma testemunha, então acaba inibindo alguns comportamentos. Nem sempre os serviços oferecem esse direito e, às vezes, a mulher não sabe desse direito. Quanto menos informadas, menor o nível de instrução, mais ela sofre. Mulheres pobres e negras estão nesse extremo. As que optam pelo parto normal também relatam mais violência não só por ficar mais tempo dentro da maternidade, mas porque têm dor, gritam, e tornam-se alvos, ouvem “cale a boca” e insinuações como “na hora da fazer não gostou”. Elas “incomodam” os profissionais de saúde.

ÉPOCA - O que poderia explicar esse tipo de comportamento por parte dos profissionais de saúde?

Maria do Carmo - É um machismo enorme contra as mulheres. Não é só no parto. O parto é uma expressão extrema, mas as mulheres são desrespeitadas de um modo geral na sociedade. Essa é uma das razões. A segunda é reflexo do atendimento acelerado em saúde em todo o Brasil, que também chega às maternidades. O que o médico faz? E digo médico porque 93% dos partos no Brasil são feitos por obstetras. O médico tenta acelerar o parto. Usam ocitocina como via de regra, quando a orientação é usar em trabalhos de parto prolongados, fazem episiotomia (corte no períneo) como sendo regra. Acelerar um parto normal não é recomendado, a não ser que a mulher esteja em dificuldade no trabalho de parto. E tem outra questão, que não está em pesquisas, mas que a gente sabe que acontece. Os médicos apressam para entregar o plantão no hospital para o próximo colega “limpo”, ou seja, sem casos em evolução.

ÉPOCA - Como mudar esse cenário?

Maria do Carmo - Coisas grandes precisam acontecer. À medida que mulheres aumentarem o nível de instrução, elas vão aceitar menos. Temos

um movimento grande no Brasil por partos humanizados. Quem são as mulheres nesse movimento? Mulheres muito informadas. Mulheres de nível médio, profissionais que foram buscar conhecimento. Um segundo item é combater a tremenda discriminação social contra negros e pardos. Quem sofre mais são essas pessoas. É essa mulher que tem medo do médico, que não entende o que o médico fala. O poder institucional não olha isso. No Brasil, tudo é muito difícil de mudar. Parece que ninguém tem interesse. Em outros países, quando se decide uma política pública, a mudança acontece. Nós temos a lei do acompanhante, e o estudo que fizemos mostrou que apenas 25% têm acompanhante em tempo integral, como determina a lei. Temos um programa nacional, o Rede Cegonha, por um parto mais humanizado. Por que não funciona? Por falta de compromisso. Se sou um gestor hospitalar e uma pessoa que trabalha no meu hospital trata mal uma mulher grávida, é minha obrigação saber o que aconteceu e intervir para que isso não se repita. Mulheres, em São Paulo, se uniram e entraram no Ministério Público (MP) contra a Agência Nacional de Saúde Suplementar, afirmando ser obrigação da Agência os altos índices de cesárea na rede privada. O MP foi em cima e a agência, aos poucos, está dando respostas. Ações coletivas podem responder às demandas das mulheres. Essas vítimas precisam se unir.

Leitoras enviaram seus relatos. Confira trechos:

“Tive meus três filhos no mesmo hospital universitário em São Paulo. No primeiro parto, durante as contrações, gemia com as dores e a enfermeira disse: ‘A força é lá embaixo! Não incomode os outros’. No segundo, uma das enfermeiras que me transferiu para a cama, depois do parto, comentou: ‘Vocês comem demais durante a gravidez e é a gente que tem que aguentar depois’. No terceiro, demoraram tanto para me levar à sala de parto que meu filho nasceu antes do médico conseguir vestir as luvas cirúrgicas.”

Rachel França, 47 anos

“Na sala de parto estavam uma obstetra e uma enfermeira. Enquanto fazia força para o meu filho nascer, tive que ouvir coisas do tipo ‘Não sabe empurrar, mãe?’ e ‘na hora de fazer tu não pensou, não é?’. A impaciência das duas era visível.”

Mariangela Zapelini, 34 anos

“Passados quatro anos, ainda sinto os reflexos das sequelas dentro de mim. Era mãe de primeira viagem em uma gestação de alto risco. Internada no hospital, num eminente parto prematuro extremo, ouvi: ‘Pacientes no seu caso não aguentam mais que cinco dias. Por mim, o repouso está suspenso. Levanta e vai ao banheiro. A bebê não vai sobreviver’. Minha filha, Isabela, nasceu com 752 gramas e não sobreviveu.”

Eliane Sopran, 28 anos

“Ouvi: ‘Mãe, como você fica com um bebê morto há 15 dias na sua barriga?’ Foi assim que uma médica do hospital me recebeu, durante um exame de rotina no fim da gravidez. Falei: ‘Meu filho não está morto’, no que a médica respondeu: ‘Está morto sim. Vou comprovar o que a enfermeira disse’. Meu filho realmente não sobreviveu. Mas foi aquela médica que me matou.”

Jessica Karina Gregorio de Oliveira, 26 anos

“Desenvolvi, durante a gravidez, hipertensão. Por causa da doença, fiquei muito inchada. Ganhava cerca de 1,5 kg por semana. No dia do nascimento do meu filho, estava com 97 quilos. O médico do plantão disse: ‘Você é muito obesa e sua pressão está alta, vai morrer no parto’. O segundo profissional que me examinou falou: ‘Você sabe por que você está assim (gorda)? Porque não pode ver uma panela destampada.’ Fiquei calada.”

Sâmia Siqueira, 33 anos

“Durante alguns anos pensei que tinha tido sorte na maternidade. Com a reportagem de ÉPOCA, descobri que fui desrespeitada. Não permitiram que meu marido ficasse comigo durante o trabalho de parto. Não pude levantar da cama para ir ao banheiro porque as enfermeiras diziam que meu filho cairia no vaso sanitário. Eu era invisível naquela maternidade. Ninguém falou comigo, nem durante o parto. Não pude ver meu filho direito. Na hora da sutura, ligaram uma música e falaram de banalidades.”

Jenifer Lima, 27 anos

“Lembro como se fosse hoje o que o médico disse, na sala de parto, quando gritei por conta das dores das contrações: ‘Se você calar a boca e gritar menos, seu filho nasce mais rápido e a gente acaba com isso logo!’. Eu tinha

19 anos, achei que todo parto fosse assim.”

Célia Regina da Silva, 35 anos

“No nascimento de minha segunda filha, me senti ultrajada, abusada, maltratada. Em um momento de extrema delicadeza profissionais da saúde tiveram atitudes inconcebíveis. Uma enfermeira disse: ‘Gostou de fazer? Para entrar não doeu’ e logo depois me mandou calar a boca. Quando disse à médica que ia desmaiar de dor, ela falou: ‘Amarelou?’”

Cristiane Galu, 35 anos

“Não sei o que é ficar feliz com o nascimento de um filho. Na minha segunda gravidez, durante o trabalho de parto, uma enfermeira tentou apressar a outra dizendo que meu filho ia nascer antes de chegar à sala de parto. Então ela olhou fixamente nos meus olhos e, com desprezo, respondeu: ‘Ela não vai morrer se esperar!’ Desabei a chorar.”

Alessandra Fonseca Ribeiro, 35 anos

“Na maternidade, fui orientada pelas minhas ‘colegas de enfermagem’ a não gritar em hipótese alguma. Caso contrário, as enfermeiras me deixariam ali sentindo dores. Fiquei recolhida, aliviando a dor mordendo uma toalha de mão.”

Aloyana de Oliveira Rodrigues, 32 anos

“A médica falou que eu estava com frescura, que já era minha terceira gestação e eu ainda não sabia o que eram as contrações. Pedi para ela me ajudar com as dores, insuportáveis. Depois de me ver chorar e implorar, ela me levantou da maca. Nessa hora, a minha filha nasceu e foi direto para o chão.”

Luciana Moura, 38 anos

“O enfermeiro perguntou para o médico o que iriam fazer comigo, em trabalho de parto prematuro. E ele apenas dizia: ‘Hoje não estou bom para (fazer) parto normal’. Ouvir isso doía demais.”

Mirlene Lima, 22 anos

“Na entrada do hospital, escutei uma frase que me faz querer sumir até hoje: ‘Não acredito que no final de um plantão ainda vou ter que fazer parto em

uma baleia'. Sempre fui obesa e, por incrível que pareça, naquela gestação emagreci 12 quilos. Fiquei chocada e indignada. Gritei: 'Vim ganhar um filho, e não ser insultada e despeitada desse jeito!' Chorei muito. Queria sair dali. Mas onde teria meu filho?"

Rosangela Silverio, 42 anos

"Com dois meses de gestação precisei ficar de repouso. A médica disse: 'Se precisar tomar remédio para segurar (o bebê), não tome. Tudo que é imundo a natureza expulsa.' Tomei a medicação para segurar meu filho. Em outubro ele completa 10 anos."

Cristiane Galu, 35 anos

Thais Lazzeri

Acesse no site de origem: [Violência obstétrica: o desrespeito às grávidas na maternidade \(Época, 07/08/2015\)](#)